



A metrópole, modos de vida sedentários e consumo: análise geográfica das academias de ginástica na Região Metropolitana de São Paulo

The metropolis, sedentary lifestyles and consumption: geographic analysis of the fitness centres in São Paulo Metropolitan Region

Lucas Miranda da Rocha¹, PPGH-USP, lucasrocha@usp.br

¹ Geógrafo, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da USP.

RESUMO

O presente projeto consiste em investigar os motivos pelos quais se fundamentam o crescente do número de academias de ginástica e musculação na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), analisando as características que orientam o consumo desse tipo de serviço e as necessidades culturais pela valorização da estética corporal “fitness”. Esta demanda é compreendida como um fenômeno urbano recente, consolidado nas duas primeiras décadas do século XXI e notavelmente a Região Metropolitana de São Paulo tem papel de destaque no cenário nacional.

Busca-se fundamentar o fenômeno relacionando-se aspectos macroeconômicos como o aumento da receita do país e a facilitação do acesso ao crédito, sobretudo no decorrer da década de 2000; aspectos ligados ao perfil demográfico brasileiro e às mudanças dos perfis de economia urbana atrelados à consolidação e predominância do setor terciário moderno; aspectos político-econômicos, como a transição de mercados para a lógica da globalização; aspectos sociais como a difusão do sedentarismo e taxas de obesidade; e aspectos culturais do período contemporâneo, tais como o individualismo, o hedonismo, o narcisismo e a valorização de uma estética corporal atrelada a novas necessidades de consumo para fins de aceitação social e bem estar.

O conjunto de valores, símbolos e ideias, difundidos pelos meios de comunicação, modifica o espaço urbano em virtude da materialização de um conjunto de objetos no território voltados para a concretização desses ideais: as academias.

Palavras Chave: Academias de ginástica; Culto ao corpo; Sedentarismo; Fitness; Região Metropolitana de São Paulo;

ABSTRACT

The current project consists on investigate the reasons which underlie the growing number of fitness centres in São Paulo Metropolitan Region (RMSP), analyzing the characteristics that guide the consumption of this type of service and the cultural needs for valorization of fitness corporal aesthetic. This demand is comprehended as a recent urban phenomenon, consolidated in the first two decades of the 21st century and notably São Paulo Metropolitan Region (RMSP) has a prominent role in the national scenario.

The research focuses on underlying the phenomenon relating macroeconomic aspects such as the growth of the country's income and the facilitation for the credit access, mainly along the 2000's decade; aspects linked to the Brazilian demographic profile and linked to the changes of the urban economy profiles related to the consolidation and predominancy of the modern tertiary sector; political-economic aspects such as the markets transitions to the logic of globalization; social aspects such as the sedentarism and obesity taxes diffusion; and cultural aspects of the contemporary period such as the individualism, hedonism, narcissism, and a valorization of a corporal aesthetic related to new consumption needs in order to aim social acceptance and wellness.

The conjunct of values, symbols and ideas, spread out through communication systems, modifies the urban space in order to get a materialization of a conjunct of objects on the territory turned to the achievement of these ideals: the fitness centres.

Keywords: Fitness centres; Cult to the body; Sedentarism; Fitness; São Paulo Metropolitan Region;

INTRODUÇÃO AO FENÔMENO DE ACADEMIAS

Ao pensarmos sobre um determinado fenômeno, nos ocorre a ideia de movimento, ou seja, um processo em decurso que possibilita uma série de mudanças estruturais e comportamentais dos atores envolvidos. Entretanto, no esforço de se elencar a análise de um fenômeno a partir do ponto de vista da Geografia, deve-se assegurar a centralidade do componente espacial para o entendimento de como o fenômeno se estrutura materialmente e qual sua dimensão na sociedade, seja do ponto de vista das relações de usos e consumo, e também da construção simbólica que o fenômeno adquire.

Tratar a categoria de espaço como central na análise geográfica de determinado fenômeno possibilita compreender o caráter de movimento que o espaço tem, conforme a alusão feita por Milton Santos de espaço com a noção física de um “campo de forças, cuja aceleração é desigual” (Santos, 2012b, p. 153), motivo pelo qual a transformação do espaço não se dá de forma idêntica em todos os lugares. Essa diferenciação do desenvolvimento dos lugares se faz em função dos arranjos das formas e das dinâmicas sociais em cada porção do espaço (Santos, 2012b).

Neste sentido, busca-se analisar geograficamente o fenômeno das academias de ginástica e musculação na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), entendendo-as como mais um componente das formas urbanas que traduzem ideais, desejos e aspirações advindas da dinâmica social no período contemporâneo. Analisar a materialidade que tais objetos representam no espaço metropolitano é interpretar os usos do território, assim como a construção de novos paradigmas culturais, estéticos e ideológicos, sobretudo diante de uma perspectiva histórica do desenvolvimento do fenômeno e sua relevância.

Logo, este artigo deverá propor uma breve análise da formação e consolidação da RMSP a fim de relacionar as características da produção do espaço urbano metropolitano com a proeminência do fenômeno de academias. Em seguida, analisa-se a consolidação do modo de vida urbano, relacionando-se aspectos do cotidiano moderno sedentário e a comensalidade contemporânea industrializada. Feitas as devidas relações, o artigo apontará os elementos que identificam e elegem padrões estéticos como um ideal a ser alcançado na busca por *status*, diferenciação e aceitação social, verificando a difusão comunicacional de tais padrões impulsionada pelo atual aparato de comunicação tecnológico-informacional e estratégias de publicidade, promovendo, assim, novas classes de consumo, as quais se materializam nas cidades por meio das academias e toda sua externalidade representada pelo mercado *fitness*.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO METROPOLITANO DA RMSP

Em busca de compreender a consolidação e a dimensão do fenômeno de academias, é necessário antes compreender o espaço urbano de São Paulo e sua posterior constituição enquanto metrópole. Historicamente, a preeminência conferida à capital paulista se deve à convergência de fatores que, ainda no último terço do século XIX, consolidaram São Paulo com um notável dinamismo mercantil. A antiga vila de entreposto comercial passou a receber maior atividade econômica em função da instalação de fazendeiros ligados à cultura cafeeira na capital paulista, a instalação de uma infraestrutura técnica de escoamento produtivo, a proximidade com o Porto de Santos e o adensamento de atividades comerciais, fatores que também influenciaram um notável aumento populacional responsáveis por conferir São Paulo, já no início do século XX, como uma metrópole florescente (Monbeig, 2004).

Esta fase inicial do processo de metropolização de São Paulo se caracterizava pelo seu dinamismo comercial, o qual lhe conferiu as primeiras etapas de mundialização (Santos, 2009b). Além disso, no que se confere ao perfil estrutural de então, a aglomeração metropolitana era mais compactada, fato que resultava em maior adensamento populacional, já apresentando também diferentes sub-centralidades representadas por agrupamentos antigos de populações que foram sendo incorporadas à metrópole por meio de estradas e bondes elétricos, além de limites mais bem definidos no território (Monbeig, 2004; Lencioni, 2008).

Posteriormente, a metrópole paulistana adentra em um novo período de seu processo de mundialização fundada na produção industrial, aproximadamente ao longo do segundo terço do século XX. A partir de meados da década de 1960 em diante, São Paulo insere-se em outro processo distinto do anterior, cada vez mais voltado para a proeminência de atividades hegemônicas pautadas no avanço das tecnologias de informação e comunicação para exercer seu domínio no que tange a uma acumulação flexibilizada de capital, consolidando-se, cada vez mais, como uma metrópole global (Santos, 2009b).

As mudanças do sistema produtivo nacional e internacional correlativas à integração globalizada da economia, amparadas por um meio técnico-científico-informacional (Santos, 2012a) configuraram uma estrutura metropolitana distinta de seu perfil anterior, tornando-se dispersa, amplamente espreada pelo território e formando uma extensa mancha urbana, cujos limites territoriais confundem-se devido à alta conurbação. Este espraiamento da ocupação do solo urbano contribuiu para o desenvolvimento de certas irracionalidades como o distanciamento entre locais de moradia e trabalho, resultando em grandes e demorados deslocamentos pendulares, comprometendo a existência do sujeito na cidade, precarizando as condições de saúde e lazer da classe trabalhadora condicionada a este sistema, além de contribuir com crescentes índices de poluição ambiental e acidentes de trânsito (Lencioni, 2008).

O espaço urbano é, portanto, demasiadamente fragmentado, a exemplo da existência de condomínios fechados de alta renda, predominantemente homogêneos em suas formas e conteúdos sociais internos ao lado de diversos outros perfis de uso e ocupação do solo: favelas, bairros carentes e bairros de classe média, compondo um verdadeiro “mosaico” o tecido urbano, segundo Sandra Lencioni (2008, p. 10). A configuração deste espaço fragmentado também é verificada ao se analisar as áreas onde se concentram os empregos na metrópole – distantes dos trabalhadores que, em sua maioria, residem nas periferias ou em cidades-dormitórios (Santos, 2009b).

Do ponto de vista analítico, a aglomeração metropolitana de São Paulo pode ser compreendida por meio de dois processos notadamente observáveis, expressos pelos conceitos de concentração e centralização de capital. De acordo com Lencioni (2008), ambos os conceitos têm origem nas análises das diferentes edições de *O Capital*, de Marx. Basicamente, o primeiro processo trata-se da expansão dos meios de produção e aumento do número de trabalhadores, que permite a maximização da acumulação pelo capitalista, ou seja, um processo vinculado à produção da riqueza econômica que expressa em termos quantitativos o acúmulo desigual (concentrado) no território. A título de explanação, quando o industrial compra mais máquinas ou expande o corpo de funcionários, ou mesmo quando uma empresa de serviços disponibiliza mais computadores ou também contrata mais pessoal especializado, são ações que resultam na ampliação dos ganhos centrados na figura do capitalista.

Por outro lado, a centralização do capital reorganiza, em termos qualitativos, o perfil de relações concorrenciais entre capitalistas, pois há movimentos de reagrupamento, associação, absorção ou

fusão das diferentes frações de capitais menores, formando novos perfis de conglomerados centralizados em grandes empresas. Este processo tende a concentrar a propriedade do capital sob uns poucos agentes, conferindo-lhes maior poder de gestão empresarial e influência de mercado (Lencioni, 2008).

Nota-se a preferência das grandes corporações que gerenciam setores econômicos importantes e são responsáveis pela centralização do capital em localizarem-se nas metrópoles, sobretudo no que se refere à RMSP para o caso brasileiro, pois as sedes controlam os serviços produtivos – muitas vezes localizados distantes das áreas de comando –, adensam serviços voltados às empresas e promovem redes de externalidades e solidariedades entre organizações, serviços especializados e grande interação de profissionais qualificados devido à proximidade geográfica (Lencioni, 2008; Santos, 2009b).

A fragmentação constatada na metrópole contemporânea é caracterizada pela dominação de *espaços de fluxos*, porções do espaço direcionados por uma lógica globalizada, espaços de decisão estratégica corporativa e organizacional, integrados em redes por meio de um aparato tecnológico-informacional eficiente a serviço da acumulação capitalista, fluxos materiais e imateriais, como por exemplo a produção de bens, informações e finanças. Os *espaços dos lugares* estão dominados pelos primeiros, onde a lógica de organização é produzida pelo cotidiano comum da maior parte das pessoas que vivem na cidade (Lencioni, 2008). Muito embora o tecido urbano seja fragmentado em diferentes porções, elas estão eminentemente articuladas pelas relações expressas no espaço, os fluxos materiais e imateriais, os deslocamentos das pessoas, das mercadorias, transportes e circulação de ideias, investimentos, capitais, entre outros (Corrêa, 1989).

Há, pois, um nítido destaque das atividades de trabalho na RMSP relacionadas com o setor terciário da economia, composto pelo comércio e serviços, e mesmo também funções relativas ao terciário moderno (ou quaternário), cujo nível de especialização é singular, conforme aponta Santos:

Ainda que o peso da atividade industrial seja muito expressivo na aglomeração paulistana, se a comparamos com o resto do país, não é essa função metropolitana que atualmente assegura São Paulo um papel diretor na dinâmica espacial brasileira. Esse papel é devido às suas atividades quaternárias de criação e controle, praticamente sem competidor no país, pois agora são os fluxos de informação que hierarquizam o sistema urbano. O papel de comando é devido a essas formas superiores de produção não material, elas próprias sendo uma consequência da integração crescente do país às novas condições da vida internacional. [...] Sem deixar de ser a metrópole industrial do país, apesar do movimento de desconcentração da produção recentemente verificado, São Paulo torna-se, também, a metrópole dos serviços, metrópole terciária, ou, ainda melhor, quaternária, o grande centro de decisões, a grande fábrica de ideias que se transformam em informações e mensagens, das quais uma parte considerável são ordens. (Santos, 2009, p. 38)

Dessa forma, constata-se uma característica do perfil laboral predominante na RMSP, marcadamente voltada para a prestação de serviços e o comércio. Há a preponderância de atividades hegemônicas de grandes corporações aí localizadas, as quais se baseiam seus ritmos em ritmos acelerados da produção econômica moderna, amparada pelo meio técnico-científico-informacional. Tais implicações resultam em certos desdobramentos que denotam os modos de vida das pessoas que vivem na metrópole, os quais serão aprofundados na seção seguinte.

MODOS DE VIDA URBANO, COMENSALIDADE CONTEMPORÂNEA E IDEAIS ESTÉTICOS

O conceito de modo de vida adentra nesta discussão de forma pertinente, pois embasa as características culturais da sociedade no meio urbano, buscando compreender a dinâmica dos variados grupos sociais na cidade, conforme Maria Lúcia Bernardelli (2006). É um elemento que também se relaciona com uma série de características tais como a divisão do trabalho e com a heterogeneidade social dos habitantes de uma dada cidade.

Uma associação pertinente na construção da análise da dinâmica dos modos de vida são as inter-relações urbanas constituídas nesses modos de vida na metrópole, elemento presente desde a origem da cidade, mas que assume maior expressão no período atual em função do advento das telecomunicações e dos transportes (Ângulo; Dominguez, 1991 *in*: Bernardelli, 2006).

Da mesma forma, é válido que se relacione o atual meio-técnico-científico-informacional a novos paradigmas oriundos da intensificação dos modos de vida urbano decorrentes do uso de novas tecnologias e da temporalidade acelerada em vista da produção capitalista (Bernardelli, 2006; Santos, 2013).

A temporalidade acelerada é, portanto, uma característica conferida aos espaços da rapidez. Nestes espaços, não somente os fluxos de produção, os deslocamentos de transportes ou a circulação da informação correm acelerados pelo território, mas também a vida social se encontra sufocada pela necessidade da produção capitalista, do horário marcado, da pressa no deslocamento urbano (Santos; Silveira, 2014).

Alguns autores analisam íntima ligação do fenômeno urbano contemporâneo com o consumo consumptivo, amparado por um arsenal de novas tecnologias que resulta em definir novos modos de vida nas cidades (Santos, 2013). Neste sentido, o efeito da globalização nas sociedades urbanas estimulou uma espécie de consumismo alienante, que não mede esforços para satisfazer imediatamente o prazer pessoal ou outras formas de necessidades criadas (Lipovetsky, 2004; Taschner, 2009).

Ao aprofundar sua crítica sobre o consumismo preeminente na contemporaneidade, Gilles Lipovetsky (2004) analisa que outros elementos tais como o individualismo, o narcisismo e o hedonismo se evidenciam neste modelo de sociedade hipermoderno. É interessante associar ao fato de que este pensamento converge com o momento histórico de ascensão da lógica neoliberal no mundo, perpassando o campo de orientação econômica e atingindo outras esferas da vida cotidiana tal como uma ideologia individualizante (Foucault, 2008).

Portanto, a aceleração dos ritmos de vida também é compreendida na esfera do indivíduo para a realização de seus desejos cada vez mais imediatistas, incentivados pelas imagens de publicidade que visam ao consumismo (Lipovetsky, 2004; 2009). Segundo Zygmund Bauman, “a vida consumista favorece a leveza e a velocidade” (2009, p. 67), portanto, com fins em se incentivar o consumismo, o espaço urbano e o atual aparato tecnológico nele existente facilitam os fluxos de informação e propagandas, estipulando desejos que precisam ser consumidos, sejam eles bens ou serviços.

Ao relacionar o acelerado modo de vida urbano contemporâneo com novos hábitos alimentares da sociedade, ou seja, ao analisar novas comensalidades urbanas contemporâneas, Rosa Garcia (2003) destaca a impossibilidade atual da dedicação ao preparo e ao consumo alimentar tal qual era costumeiro na estrutura rural de décadas passadas pela escassez de tempo para isso. Nota-se,

também, que neste atual período há uma vasta oferta de alimentos pré-prontos industrializados, resultados de novas técnicas de conservação e preparo, além de uma gama de estabelecimentos que comercializam alimentos, fatores que, para sua análise, modificam hábitos tradicionais da cultura alimentar.

Nesta linha, a globalização e todo o advento tecnológico que este período propiciou foram responsáveis por uma nova conjuntura de consumo alimentar. Em grandes metrópoles, como o caso da RMSP, verifica-se atualmente a predominância pela opção do consumo de alimentos cujas características da constituição orgânica dos mesmos sejam mais duradouras, ou seja, de proveniência industrial, onde se adicionam componentes que favoreçam a sobrevida dos alimentos, como no caso da diminuição da produção do leite pasteurizado em 35% a favor do acréscimo em cerca de 968% da produção de leite longa vida no Brasil, entre os anos de 1990 a 1996 (Garcia, 2003).

Com o impacto da globalização, a importação de produtos alimentares no Brasil teve um acréscimo de 409%, somente no período de 1992 a 1995. Entretanto, além da opção pelo consumo de alimentos industrializados que duram mais em vista da lógica do tempo acelerado no espaço urbano metropolitano, neste período observou-se também o crescimento de uma nova forma de comercializar a cultura alimentar globalizada feita através das redes de supermercados de grande superfície (Garcia, 2003).

Outro componente importante a ser acrescido nesta temática de novos hábitos alimentares industrializados introduzidos no modo de vida urbano contemporâneo são as cadeias de restaurantes e lanchonetes *fast-food*. Simbolizam justamente a praticidade do preparo e a rapidez do consumo, exprimem a juventude e a modernidade-mundo, no entanto, representam também um grande decréscimo da qualidade nutritiva ofertada nas cidades e que continua a crescer e a tornar-se parte da comensalidade urbana atual (Garcia, 2003).

Muito embora a rapidez permeie os ritmos de vida social no cotidiano das mais diversas classes na metrópole paulistana, a gama de objetos técnicos existentes na modernidade também proporcionou uma nova relação do corpo humano com o uso do território, pois tanto o transporte individual quanto o coletivo minimizaram o esforço físico de deslocamento, assim como a existência de elevadores, telefones, computadores, celulares e todo um conjunto de objetos hoje comuns na vida urbana reduziu o esforço outrora necessário para se comunicar, se mover ou trabalhar.

O quadro gerado neste cenário é complexo, pois ao mesmo tempo em que os avanços da tecnologia na vida cotidiana e no trabalho, além das características do modo de vida urbano vinculadas às facilidades de acesso ao consumo de bens e serviços são vistas com bons olhos pela sociedade contemporânea, existe um contrapeso refletido na saúde individual, conforme afirma o filósofo Gilles Lipovetsky:

[...] Chegamos a este ponto: propagando valores de conforto e os desejos imediatos, a sociedade de hiperconsumo ocasionou uma inatividade física de massa, bem como um imenso processo de desestruturação ou de relaxamento das disciplinas corporais. Se o indivíduo hipermoderno sonha com um corpo perfeito, no cotidiano ele come demais, alimenta-se mal, é cada vez mais sedentário.

[...] A sociedade de hiperconsumo não é apenas a dos excessos do desempenho, é mais ainda a dos excessos de inatividade física e do lazer

espetacular, da *junk food* e outras desordens alimentares (Lipovetsky, 2007, pp. 278 – 279).

A nova relação do corpo humano com o modo de vida urbano contemporâneo se reflete em todas as instâncias do cotidiano, sendo a esfera do trabalho uma das mais importantes nesta mudança de paradigmas da anterior modernidade industrial para a o contexto pós-industrial², pois, o trabalhador inserido no terciário moderno adquire uma nova forma da relação trabalho-corpo mediante à oferta do aparato tecnológico moderno, ele reduz sua capacidade de esforço físico e acumula suas atividades no esforço intelectual, condicionando-se, assim, a um cotidiano sedentário (Anjos; Mendonça *in*: Da Costa, 2011).

Portanto, o descompasso entre a aceleração dos modos de vida urbano e o ritmo do metabolismo do corpo humano, além da incorporação de uma refeição comumente industrializada carregada de calorias, se convergem nas diversas facetas da vida cotidiana moderna, modifica uma série de rotinas de movimentação existentes anteriormente à invenção e incorporação de determinado objeto para o conforto do indivíduo, estimula o sedentarismo e o conjunto de doenças relacionadas a este comportamento a longo prazo (Anjos; Mendonça *in*: Da Costa, 2011).

Um dado importante a ser incrementado na análise é relativo ao aumento exponencial de pessoas com índices de sobrepeso e obesidade. De forma geral, esta tendência crescente tem sido observada em todo o mundo, indicando, no ano de 2014, cerca de 2,1 bilhões de pessoas nessas condições (IHME, 2013).

Embora seja uma tendência observada com maior frequência nos países desenvolvidos, as pesquisas apontam para uma realidade similar em países em desenvolvimento com predominância de sociedades urbanizadas, tal como o Brasil. Os índices de obesidade (diferente da classificação de sobrepeso³) seguem avançando na maioria dos países industrializados e urbanizados. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde – OMS, em 2014, o Brasil seguia com cerca de 17,9% da população. A tendência nacional também é verificada na capital da RMSP, pois de acordo com a pesquisa realizada pelo programa Meu Prato Saudável, em coordenação com o Hospital das Clínicas em 2013, notou-se que em um total de 15 mil entrevistados, 66,3% estavam acima do peso, indicando 37,4% com sobrepeso e 28,9% com obesidade (O Estado de São Paulo, 2013; Blog da Saúde, 2015).

² O contexto pós-industrial é entendido, na perspectiva de Gilles Lipovetsky (2004) como hipermodernidade, sendo o conceito que melhor exprime as características e valores do período contemporâneo, segundo o autor. Ele perpassa da perspectiva de modernidade, quando ainda eram mais fortes valores ligados às tradições de grupos sociais, a Igreja conservava sua influência na esfera individual e coletiva da sociedade, as ideologias fundamentavam suas esperanças em revoluções que quebrassem a lógica das lutas de classes no capitalismo, tempo em que havia o ideal de Nação e o Estado exercia forte presença na economia. Na hipermodernidade, predomina o relativismo perante às tradições, a busca pela satisfação do interesse individual cresce e já não há mais crença na política ou em ideologias, mas sim o consumismo se torna o principal ideal a ser vencido em si mesmo e, no plano econômico, o paradigma da globalização e da desregulamentação estatal torna-se central para Estados e corporações.

³ As classificações de “sobrepeso” e “obesidade” são relacionadas à padronização mundial reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e utilizada pelo Ministério da Saúde, que leva em conta o Índice de Massa Corpórea (IMC) baseando-se em parâmetros de peso e altura, além da circunferência abdominal e taxa de colesterol no sangue. A convergência de dados possibilita a avaliação dos índices de gordura de cada pessoa. O cálculo básico é o resultado do peso dividido pela altura ao quadrado, assim, os resultados seguem: menor que 16 = magreza grave; 16 a 18,5 = magreza moderada e leve; 18,5 a 25 = saudável; 25 a 30 = sobrepeso; 30 a 40 = obesidade (em 3 graus, analisados em severa e mórbida, nos dois últimos graus) (Oliveira, 2013, p.6).

Atentar para os dados crescentes de sobrepeso e obesidade pode ser entendido como indicadores importantes de que há mais pessoas se alimentando inadequadamente no país e, portanto, que auxiliem no direcionamento de políticas públicas de alimentação mais saudável e práticas de exercícios físicos. Não obstante, a simples representação de uma pessoa gorda não deve significar sinônimo de sedentarismo ou má-alimentação, o que leva a formas de preconceito, ainda assim, conforme a entrevista com a nutricionista Patrícia Rung, há pessoas que se alimentam mal e, por pré-disposição genética, não engordam, mantendo uma falsa aparência de saúde (Globo Esporte, 2013).

Dialeticamente, embora exista toda a problematização feita em torno das características do modo de vida urbano no período contemporâneo, apesar da generalização do consumo de alimentos industrializados, com baixo teor nutritivo e alto teor calórico, neste período da hipermodernidade “a saúde se impõe como obsessão das massas” (Lipovetsky, 2004). Ou seja, cresce a demanda de pessoas que buscam reverter a lógica do sedentarismo a fim de praticar exercícios físicos.

Não há de se negar que esta relevante demanda de pessoas tenha, de fato, intensões voltadas para a manutenção da saúde, cujo intuito seja tornar o corpo mais ativo e gastar o excedente calórico adquirido na alimentação cotidiana. Todavia, em virtude da lógica consumista presente na hipermodernidade, o hábito de praticar exercícios e fortalecer a musculatura tem sido apropriado por uma “indústria cultural”, a qual conduz os estilos de vida atuais como forma de autoexpressão e originalidade (Featherstone *in*: Castro, 2007). Ou seja, a imagem do “corpo ideal” – a construção de um valor estético do corpo forte, sem gordura, de musculatura definida e/ou hipertrofiada – converteu-se em um símbolo a ser atingido, portanto, uma mercadoria-signo possível de ser conquistada através do consumo (Kotler, 1987; Baudrillard *in*: Castro, 2007; Mascarenhas; Niterói; Pasquali, 2011).

A busca pelo “corpo ideal” por meio da prática de exercícios físicos na academia de ginástica é entendida como uma relação de consumo, que busca satisfazer um desejo. Para Philip Kotler (1987, p. 31), a satisfação do desejo é realizada por meio da obtenção de um produto, o qual não se restringe somente a um objeto físico, mas pode abarcar “qualquer coisa que pode ser oferecida a um mercado para a aquisição ou consumo; inclui objetos físicos, serviços, personalidades, lugares, organizações e ideias”. Como perpassa pelo campo das ideias, este conceito estabelece bastante proximidade com o que Jean Baudrillard (1985 *in*: Castro, 2007) considera como “mercadoria-signo”, ou seja, a ênfase na ideia de atribuir um forte componente simbólico-imagético na elaboração dos desejos de consumo.

Dessa forma, tal qual um produto a ser desejado, a mercadoria-signo representada pelo “corpo ideal” também é constantemente divulgada pelos mais diversos meios de informação escrita ou eletrônica, seja pela forma de propaganda direta de academias ou mesmo indiretamente, associando-se imagens de *status* e aceitação social a pessoas que possuem este tipo de corpo (Castro, 2007). A sociedade urbana também está susceptível em seu cotidiano a uma gama de informações de que este ideal de corpo é o melhor e quais são os meios para atingi-lo, como comenta Tatiane Trinca:

[...] A ciência, assim como os meios de comunicação, por meio de sua suposta neutralidade e objetividade, penetraram em todos os recantos da vida. Além da poderosa tarefa de esquadrihar e normatizar o corpo, oferecem os mais diversos meios para sua fabricação. A receita de elixir da vida, indicada por todos e a todos se resumiu em alimentação saudável e prática de exercícios físicos regularmente. E permeando esta mensagem: ninguém mais precisa satisfazer-se com o corpo

que nasceu; ele pode ser domesticado, modelado e reconstruído até alcançar a perfeição (Trinca, 2006, pp. 66 – 67).

Dessa forma, a prática de fazer exercícios físicos adquire o caráter de “necessidade” pela manutenção da boa forma e do bem-estar, necessidade justificada em virtude do ganho de *status* social associado a esta imagem. A exposição do corpo bem definido e sua relação com a aceitação social, o sucesso sexual e a saúde, atrela esta imagem a um valor a ser almejado. O culto ao corpo ganha tamanha projeção ao ponto de 90% das brasileiras declararem-se insatisfeitas com sua forma física, contrapondo apenas 1% dentre as satisfeitas (Trinca, 2006; Mascarenhas; Niterói; Pasquali, 2011).

Em vista disso, o conceito de psicofera compreende de maneira assertiva toda a gama de valores, símbolos, crenças e paixões que permeiam o imaginário coletivo do “corpo ideal” (Santos, 2012a). Esses valores que permeiam o campo da psicofera, ainda que sejam criados pela dinâmica cultural da sociedade urbana contemporânea, também condicionam novos comportamentos, havendo, assim, um movimento dialético de ideias. Como um dos exemplos mais pertinentes acerca dessa difusão da imagem do corpo perfeito, verifica-se a seguir duas revistas que exprimem esses ideais:

Figura 1: Capas das revistas *Men’s Health*, março de 2012, e *Boa Forma*, maio de 2007, ambas da Editora Abril



Fonte: Revista *Men’s Health*. Disponível em: www.brazilmalemodels.blogspot.com.br/2012/03/mens-health-brazil-marco-2012.html. Revista *Boa Forma*. Disponível em: www.oliveiratania25.mercadoshops.com.br/revista-boa-forma-nº-maio07-grazi-massafere-gratis-606xJM.

As duas capas de revistas mostradas na Figura 1 acima retratam exatamente o ideal do corpo perfeito objetivado e desejado. Em ambos os casos, a imagem do corpo trabalhado está associada ao bem-estar, à saúde, ao sucesso sexual e à aceitação social. Esses são os valores preconizados na psicofera relacionada ao culto ao corpo idealizado, são símbolos também difundidos por meio de

novelas, filmes e propagandas. É por meio do valor atribuído a essas imagens que se busca realizar o consumo. Também é com base na psicosfera criada por essas imagens que se dá a tecnosfera (Santos, 2012a).

A tecnosfera pode ser entendida como a base material, o suporte construído dotado de certo grau de tecnologia e informação. A tecnosfera e a psicosfera estão imbricadas, são indissociáveis, formam, em conjunto, o espaço geográfico (Santos, 2012a). Por isso, cabe considerar que as academias de ginástica e musculação são os principais objetos constituintes da tecnosfera associada ao campo da psicosfera da boa forma e do bem-estar, pois é na academia que se realiza o consumo voltado para este fim. É o espaço do desejo da construção do “corpo ideal”, espaço do culto ao corpo, da forma, onde a aspiração pela imagem estética idealizada materializa-se.

As academias de ginástica e musculação, na condição de objetos que compõem a tecnosfera, são dotadas de tecnologia e informação. Há, evidentemente, uma diversidade enorme na totalidade das academias, as quais podem ser compostas com maior ou menor grau de conteúdo técnico e informacional, entretanto, todas são lugar de estabelecimento de relações humanas e práticas voltadas para determinadas demandas socioculturais voltadas à estética e à saúde.

À GUIA DA CONCLUSÃO

A compreensão do fenômeno que motiva a expansão do número de academias de ginástica e musculação na RMSP reflete uma realidade complexa para ser tratada de modo simples, pois converge uma série de aspectos de ordem política, social, econômica e cultural refletidos no território que, por sua vez, também exerce força de influência sobre as práticas e comportamentos da sociedade em seu uso. Identifica-se, portanto, o caráter dinâmico-ativo do espaço como uma instância social (Santos, 2012b).

Santos (2012a, p. 315) nos alerta para a necessidade de conceber a devida importância às atividades da esfera simbólica do espaço, pois “uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam”. Por isso, buscou-se neste trabalho dar uma ênfase considerável à esfera simbólica e imagética que a constituição de um valor estético sobre o corpo humano pode adquirir, pois o mesmo transforma-se em um ideal de desejo de consumo.

Ainda que a consagração do uso de diversos objetos técnicos no cotidiano da sociedade já tivesse facilitado uma série de esforços físicos de deslocamento, transporte e comunicação, outros fatores mais recentes incidiram sobre esta realidade – consolidação de um modo de produção e consumo globalizado de alimentos industrializados modificando hábitos da alimentação urbana; consagração do narcisismo, individualismo e o hedonismo em sociedades modernas e racionalizadas como a da RMSP; aceleração dos ritmos de vida influenciado pelo modo de produção dos espaços da rapidez – a convergência desses elementos servem de argumentos sólidos na expansão deste setor, sobretudo no que se confere à metrópole paulistana.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Alfredo. **Academias de ginástica e musculação**. Webartigos, 2009. Disponível em: <http://webartigos.com/artigos/academias-de-ginastica-e-musculacao/29648>, acesso em 10/12/2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BERNARDELLI, Maria Lúcia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Orgs.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre o urbano e o rural. São Paulo: Expressão Popular, 1ª Edição, pp. 33 – 52.
- Blog da Saúde. Ministério da Saúde do Brasil. **Obesidade estabiliza no Brasil, mas excesso de peso aumenta**. Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/35418-obesidade-estabiliza-no-brasil-mas-excesso-de-peso-aumenta.html>, acesso em 09/07/2016.
- CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura do consumo. 2ª Edição, São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- DA COSTA, Lamartine. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. CONFEEF. Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrazil.org.br/>, acesso em 19/07/2016.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GARCIA, Rosa Wanda Diez. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Revista de Nutrição**, Faculdade de Nutrição, Centro de Ciências da Vida, Campinas, pp. 484 – 492, 2003.
- Globo Esporte. **Até onde o peso interfere na saúde?** Nutricionista explica e passa dicas. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/eu-atleta/nutricao/noticia/2013/12/ate-onde-o-peso-interfere-na-saude-nutricionista-explica-e-passa-dicas.html>, acesso em 10/07/2016.
- Institute for Health Metrics and Evaluation (IHME). **Nearly one-third of the world's population is obese or overweight, new data show**. Disponível em: <http://www.healthdata.org/news-release/nearly-one-third-world%E2%80%99s-population-obese-or-overweight-new-data-show>, acesso em 19/07/2016.
- International Health, Racquet & Sportsclub Association (IHRSA). **IHRSA Latin American Report**. Disponível em: <http://ihrsa.org>, acesso em 12/07/2016.
- International Health, Racquet & Sportsclub Association (IHRSA). **The 2016 IHRSA Global Report Preview**. Disponível em: <http://ihrsa.org>, acesso em 12/07/2016.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla: 2004.

MASCARENHAS, Fernando; NITERÓI, Ricardo; PASQUALI, Dennia. A indústria do fitness e seu desenvolvimento desigual: um estudo sobre as academias de ginástica na cidade de Goiânia. **Pensar a Prática**, Goiânia, volume 14, nº 2, pp. 1 – 15, 2011.

O Estado de São Paulo. **Estudo do Incor aponta que 66,3% dos paulistanos estão acima do peso ideal**. Disponível em: <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-do-incor-aponta-que-66-3-dos-paulistanos-estao-acima-do-peso-ideal,995176>, acesso em 19/07/2016.

OLIVEIRA, Michele Lessa de. **Estimativas para o custo da obesidade para o Sistema Único do Brasil**. Publicação em 13/06/2013. 95 f., Tese (Doutorado em Nutrição Humana) – Programa de Pós-Graduação em Nutrição Humana, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 07/03/2013.

QUELHAS, Álvaro Azevedo. Profissional de educação física no segmento fitness: reflexões a partir da categoria trabalho. **Revista Montrivivência**, Periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Ano XXIII, Nº 36, pp. 1 – 19, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª edição. São Paulo: Edusp, 2012a.

_____. **Espaço e método**. 5ª edição. São Paulo: Edusp, 2014.

_____. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2009a.

_____. **Por uma Economia Política da Cidade: o caso de São Paulo**. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2009b.

_____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6ª edição. São Paulo: Edusp, 2012b.

_____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, Nº 54. pp. 81 – 99, 1977.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5ª edição. São Paulo: Edusp, 2013.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 18ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2014.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. Pesos e medidas: padrões impostos comandam a tirania do corpo perfeito. **Revista Sociologia, Ciência e Vida**. São Paulo: Escala, pp. 61 – 68, 2006.